

«O MAIOR BRASILEIRO DE TODOS OS TEMPOS»

CHICO XAVIER

pelo Espírito Humberto de Campos

Crônicas de Além- -Túmulo

Uma obra que visa o consolo das
provações do mundo corporal
à luz do espiritismo

 nascente

Ao leitor

Por enquanto, poucos intelectuais, na Terra, são suscetíveis de considerar a possibilidade de escreverem um livro, depois de «mortos». Eu mesmo, em toda a bagagem de minha produção literária no mundo, nunca deixei transparcer qualquer laivo de crença nesse sentido. Apegando-me ao resignado materialismo dos meus últimos tempos, desalentado em face dos problemas transcendentais do além-túmulo, não tive coragem de enfrentá-los, como, um dia, fizeram Medeiros e Albuquerque¹ e Coelho Neto,² receoso do fracasso de que deram testemunho, como marinheiros inquietos e imprudentes, regressando ao porto árido dos preconceitos humanos, mal se haviam feito de vela ao grande oceano das expressões fenomênicas da Doutrina, no qual os espíritas sinceros, desassombrados e incompreendidos, são aqueles arrojados e rudes navegadores da Escola de Sagres que, à força de sacrifícios e abnegações,

¹ José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867–1934), membro da Academia Brasileira de Letras e autor da letra do Hino da República do Brasil.

² Henrique Maximiano Coelho Neto (1864–1934), membro da Academia Brasileira de Letras e político.

acabaram suas atividades descobrindo um novo continente para o mundo, dilatando as suas esperanças e santificando os seus trabalhos.

Dentro da sinceridade que me caracterizava, não perdi ensejos para afirmar as minhas dúvidas, expressando mesmo a minha descrença acerca da sobrevivência espiritual, desacoroçoado de qualquer possibilidade de viver além dos meus ossos e das minhas células doentes...

É verdade que os assuntos de Espiritismo seduziam a minha imaginação, com a perspectiva de um mundo melhor do que esse, em que todos os sonhos das criaturas caminham para a morte; sua literatura fascinava o meu pensamento com o magnetismo suave da esperança, mas a fé não conseguia florescer no meu coração de homem triste, sepultado nas experiências difíceis e dolorosas. Os livros da Doutrina eram para o meu Espírito como soberbos poemas de um idealismo superior do mundo subjetivo, sem qualquer feição de realidade prática, na qual eu afundava as minhas faculdades de análise nas ficções encantadoras; suas promessas e sua mística de consolos eram o brando anestésico que conseguira aliviar muitos corações infelizes e doloridos, mas o meu era já inacessível à atuação do sedativo maravilhoso, e o pior enfermo é sempre aquele que já experimentou a ação de todos os específicos conhecidos.

Em 1932, um dos meus companheiros da Academia de Letras solicitou minha atenção para o texto do Parnaso de além-túmulo. As rimas do outro mundo enfileiravam-se com a sua pureza originária nessa antologia dos mortos, por meio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, o caixeiro humilde de Pedro Leopoldo (MG), impressionando os conhecedores das expressões estilísticas da língua portuguesa. Por minha vez, procurei ouvir a palavra

de Augusto de Lima,³ a respeito do fato insólito, mas o grande amigo se esquivou ao assunto, afirmando: «Certamente, entre as novidades da minha terra, Pedro Leopoldo concorre com um novo barão de Münchausen».

A verdade, porém, é que pude atravessar as águas pesadas e escuras do Aqueronte e voltar do mundo das sombras, testemunhando a grande e consoladora verdade. É incontestável que nem todos me puderam receber, segundo as realidades da sobrevivência. A visita de um «morto», na maioria das hipóteses, constitui sempre um fato inconveniente e desagradável. Para os vivos, que pautam a existência pelo pentagrama das convenções sociais, o morto com as suas verdades será invariavelmente um fantasma importuno, e temos de acomodar os imperativos da lógica às concepções do tempo em que se vive.

Feitas essas considerações, eis-me diante do leitor, com um livro de crônicas de além-túmulo.

Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literária a determinada casa editora, obedecendo a dispositivos contratuais, ressaltando-se a minha estima sincera pelo meu grande amigo José Olympio.⁴ A lei já não cogita mais da minha existência, pois, do contrário, as atividades e os possíveis direitos dos mortos representariam séria ameaça à tranquilidade dos vivos.

Enquanto aí consumia o fosfato do cérebro para acudir aos imperativos do estômago, posso agora dar o volume sem retribuição monetária. O médium está satisfeito com a sua

³ Antônio Augusto de Lima (1859–1934), membro da Academia Brasileira de Letras e político.

⁴ José Olympio Pereira Filho (1902–1990), editor e livreiro, foi o fundador da editora que leva seu nome, a Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro, em 1931; que hoje pertence ao Grupo Editorial Record.

vida singela, dentro da pauta evangélica do «dai de graça o que de graça recebestes» e a Federação Espírita Brasileira, instituição venerável que o prefeito Pedro Ernesto reconheceu de utilidade pública, cuja livraria⁵ vai imprimir o meu pensamento, é sobejamente conhecida no Rio de Janeiro, pelas suas respeitáveis finalidades sociais, pela sua assistência aos necessitados, pelo seu programa cristão, cheio de renúncias e abnegações santificadoras.

Aí está o livro com a minha lembrança humilde. Que ele possa receber a bênção de Deus, constituindo um conforto para os aflitos e para os tristes do microcosmo onde vivi sobre a Terra. Que não se precipitem em suas apreciações os que não me puderem compreender. A morte será a mesma para todos. A cada qual será reservado um bangalô subterrâneo e a sentença clara da justiça celeste. Quanto aos Espíritos superiores da crítica contemporânea, cristalizados nas concepções da época, que esperem pacientemente pelo juízo final, com as suas milagrosas revelações. Não serei eu quem lhes vá esclarecer o entendimento, contando quantos pares de meias usei em toda a vida, ou descobrindo o número exato de seus anos, por meio de mesas festivas e alegres. Aguardem com calma o toque de reunir das trombetas de Josafá.

HUMBERTO DE CAMPOS

Pedro Leopoldo (MG), 25 de junho de 1937.

⁵ Este termo é aqui usado porque na época em que foi escrita a obra a livraria era autónoma, um departamento da editora, onde eram vendidos e impressos os livros.

1

*De um casarão
do outro mundo*

27 de março de 1935

Muitas vezes pensei que outras fossem as surpresas que aguardassem um morto, depois de entregar à terra os seus despojos.

Como um menino que vai pela primeira vez a uma feira de amostras, imaginava o conhecido chaveiro dos grandes palácios celestiais. Via Pedro de mãos enclavinhadas debaixo do queixo, óculos de tartaruga, como os de Nilo Peçanha,⁶ assestados no nariz, percorrendo com as suas vistas sonolentas e cansadas os estudos técnicos, os relatórios, os mapas e livros imensos, enunciadores do movimento das almas que regressavam da Terra, como destacado amanuense⁷ de secretaria. Presumia-o um velhote bem conservado, igual aos senadores do tempo da Monarquia

⁶ Nilo Procópio Peçanha (1867–1924), político brasileiro.

⁷ O mesmo que escrevente, funcionário copista.

no Brasil, cofiando os longos bigodes e os fios grisalhos da barba respeitável. Talvez que o bom do Apóstolo, desentulhando o baú de suas memórias, me contasse algo de novo: algumas anedotas a respeito de sua vida, segundo a versão popular; fatos do seu tempo de pescarias, certamente cheios das estroinices de rapazola. As jovens de Séforis e de Cafarnaum, na Galileia, eram criaturas tentadoras com os seus lábios de romã amadurecida. Pedro por certo diria algo de suas aventuras, ocorridas, está claro, antes da sua conversão à Doutrina do Nazareno.

Não encontrei, porém, o chaveiro do Céu. Nessa decepção, cheguei a supor que a região dos bem-aventurados deveria ficar encravada em alguma cordilheira de nuvens inacessíveis. Tratava-se, certamente, de um recanto de maravilhas, em que todos os lugares tomariam denominações religiosas, na sua mais alta expressão simbólica: Praça das Almas Benditas, Avenida das Potências Angélicas. No coração da cidade prodigiosa, em paços resplandecentes, Santa Cecília deveria tanger a sua harpa, acompanhando o coro das onze mil virgens, cantando ao som de harmonias deliciosas, para acalentar o sono das filhas de Aqueronte e da Noite, a fim de que não viessem, com as suas achas incandescentes e víboras malditas, perturbar a paz dos que ali esqueciam os sofrimentos, em repouso beatífico. De vez em quando se organizariam, nessa região maravilhosa, solenidades e festas comemorativas dos mais importantes acontecimentos da Igreja. Os papas desencarnados seriam os oficiantes das missas e te-déuns de grande gala, a que compareceriam todos os santos do calendário; São Francisco Xavier, com o mesmo hábito esfarrapado com que andou pregando nas Índias; São José, na sua indumentária de carpinteiro; São Sebastião, na sua armadura de soldado romano; Santa Clara, com o seu perfil lindo e severo de

madona, sustentada pelas mãos minúsculas e inquietas dos arcanjos, como rosas de carne loura. As almas bem-conceituadas representariam, nas galerias deslumbrantes, os santos que a Igreja inventou para o seu hagiológico.

No entanto... Não me foi possível encontrar o Céu.

Julguei, então, que os espíritas estavam mais acertados em seus pareceres. Deveria reencontrar os que haviam abandonado as suas carcaças na Terra, continuando a mesma vida. Busquei relacionar-me com as falanges de brasileiros emigrados do outro mundo. Idealizei a sociedade antiga, os patrícios ilustres aí refugiados, imaginando encontrá-los em uma residência principesca como a do marquês de Abrantes, instalada na antiga chácara de dona Carlota, em Botafogo, onde recebiam a mais fina flor da sociedade carioca das últimas décadas do Segundo Império, cujas reuniões, compostas de fidalgos escravocratas da época, ofuscavam a simplicidade monacal dos Paços de São Cristóvão.

E pensei de mim para comigo: os rabinos do Sinédrio, que exararam a sentença condenatória de Jesus Cristo, que- rerão saber as novidades de Hitler, na sua fúria contra os judeus. Os remanescentes do príncipe de Bismarck, que perderam a última guerra, desejariam saber qual a situação dos negócios franco-alemães. Contaria aos israelitas a história da esterilização, e aos seguidores do ilustre filho de Schoenhausen as questões do plebiscito do Sarre. Cada bem-aventurado me viria fazer uma solicitação, às quais eu atenderia com as habilidades de um porta-novas acostumado aos prazeres maliciosos do boato.

Enganara-me, todavia. Ninguém se preocupava com a Terra, ou com as coisas da sua gente.

Tranquilizem-se, contudo, os que ficaram, porque, se não encontrei o Padre eterno com as suas longas barbas de

neve, como se fossem feitas de paina alva e macia, segundo as gravuras católicas, não vi também o diabo.

Logo que tomei conta de mim, conduziram-me a um solar confortável, como a casa dos Bernardelli, na praia de Copacabana. Semelhante a uma abadia de frades na Estíria, espanta-me o seu aspecto imponente e grandioso. Procurei saber nos anais desse casarão do outro mundo as notícias relativas ao planeta terreno. Examinei os seus infólios. Nenhum relato havia a respeito dos santos da corte celestial, como eu os imaginava, nem alusões a Mefistófeles⁸ e ao Amaldiçoado. Ignorava-se a história do fruto proibido, a condenação dos anjos rebelados, o decreto do dilúvio, as espantosas visões do evangelista no Apocalipse. As religiões estão na Terra muito prejudicadas pelo abuso dos símbolos. Poucos fatos relacionados com elas estavam naqueles documentos.

O nosso mundo é insignificante demais, pelo que pude constatar na outra vida. Conforta-me, porém, haver descoberto alguns amigos velhos, entre muitas caras novas.

Encontrei o Emílio⁹ radicalmente transformado. Contudo, às vezes, faz questão de aparecer-me de ventre rotundo e rosto bonacheirão, como recebia os amigos na Pascoal, para falar da vida alheia:

— Ah! filho — exclama sempre —, há momentos nos quais eu desejaria descer no Rio, como em *O homem invisível* de Wells,¹⁰ e dar muita paulada nos bandidos de nossa terra.

⁸ Personagem considerado a personificação do diabo na lenda alemã de Fausto consagrado no drama homónimo (1790) de Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832, escritor alemão).

⁹ Emílio de Meneses (1866–1918), membro da Academia Brasileira de Letras e jornalista.

¹⁰ Romance de ficção científica do escritor britânico Herbert George Wells (1866–1946).

E, na graça de quem, esvaziando copos, andou enchendo o tonel das Danaides,¹¹ desfolha o caderno de suas anedotas mais recentes.

A vida, entretanto, não é mais idêntica à da Terra. Novos hábitos. Novas preocupações e panoramas novos. A minha situação é a de um enfermo pobre que se visse de uma hora para outra em luxuosa estação de águas, com as despesas custeadas pelos amigos. Restabelecendo a saúde, estudo e medito. E meu coração, ao descerrar as folhas diferentes dos compêndios do infinito, pulsa como o do estudante novo.

Sinto-me novamente na infância. Calço os meus tamanquinhos, visto as minhas calças curtas, arranjo-me às pressas, com a má vontade dos garotos incorrigíveis, e vejo-me outra vez diante da mestra Sinhá, que me olha com indulgência, por meio da sua tristeza de virgem desamada, e repito, apontando as letras na cartilha: A B C... A B C D E...

Ah! meu Deus, estou aprendendo agora os luminosos alfabetos que os teus dedos imensos escreveram com giz de ouro resplandecente nos livros da natureza. Faze-me novamente menino, para compreender a lição que me ensinas! Sei hoje, relendo os capítulos da tua glória, porque vicejam na Terra os cardos e os jasmineiros, os cedros e as ervas, porque vivem os bons e os maus, recebendo, numa atividade promíscua, os benefícios da tua casa.

Não trago do mundo, Senhor, nenhuma oferenda para a tua grandeza! Não possuo senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniquidades, no dia em que te lembrares, porém, do mísero pecador que te contempla no teu doce mistério como lâmpada de luz eterna,

¹¹ Nome das 50 filhas de Dânaos (rei do Egito e mais tarde de Argos) que, com exceção de uma delas, mataram os esposos na noite de núpcias.

acerca da qual bailam os sóis como pirilampos acesos dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de açucena. Então, Senhor, como já puseste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lírio da paz no meu coração que ainda sofre e ainda ama.

2

Carta aos que ficaram

28 de março de 1935

No antigo Paço da Boa Vista, nas audiências dos sábados, quando recebia toda gente, atendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca e em cujo rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o sinal de muitas penas e muitos maus-tratos.

— Ah! meu grande senhor — exclamou o infeliz —, como é duro ser escravo!...

O magnânimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direção do povo e aquelas outras, enge-lhadas nas excrescências dos calos adquiridos na rude tarefa das senzalas, e tranquilizando-o comovido:

— Oh! meu filho, tem paciência! Também eu sou escravo dos meus deveres e eles são bem pesados... Teus infortúnios vão diminuir...

E mandou libertar o preto.

Mais tarde, nos primeiros tempos do seu desterro, o bondoso monarca, a bordo do «Alagoas», recebeu a visita do

seu ex-ministro; às primeiras interpelações de Ouro Preto, respondeu-lhe o grande exilado:

— Em suma, estou satisfeito e tranquilo. E, aludindo à sua expatriação:

— É a minha carta de alforria... Agora posso ir aonde quero. A coroa era pesada demais para a cabeça do monarca republicano.

Aos que me perguntarem no mundo sobre a minha posição em face da morte, direi que ela teve para mim a fulguração de um Treze de Maio para os filhos de Angola.

A morte não veio buscar minha alma, quando esta se comprazia nas redes douradas da ilusão. Sua tesoura não me cortou fios da mocidade e do sonho, porque eu não possuía senão neves brancas e rígidas, à espera do Sol para se desfazerem. O gelo dos meus desenganos necessitava desse calor de realidade, que a morte espalha no caminho em que passa com a sua foice derrubadora. Resisti, porém, ao seu cerco, como Aquiles, no heroísmo indomável de quem vê a destruição de suas muralhas e redutos. Na minha trincheira de sacos de água quente, eu a via chegar quase todos os dias... Mirava-me nas pupilas chamejantes dos seus olhos, pedindo-lhe complacência, e ela me sorria, consoladora nas suas promessas. Eu não podia, porém, adivinhar o seu fundo mistério, porque a dúvida obsidiava o meu Espírito, enrodiando-se no meu raciocínio como tentáculos de um polvo.

E, na minha alegria bárbara, sentia-me encurralado no sofrimento, como um lutador romano aureolado de rosas.

Triunfava da morte e, como Ajax, recolhi as últimas esperanças no rochedo da minha dor, desafiando o tridente dos deuses.

Minha excessiva vigilância trouxe-me a insônia, que arruinou a tranquilidade dos meus últimos dias. Perseguido pela surdez, já meus olhos se apagavam como as

derradeiras luzes de um navio soçobrando em mar encapelado, no silêncio da noite. Sombra, movendo-se dentro das sombras, não me acovardei diante do abismo. Sem esmo-recimentos, atirei-me ao combate, não para repelir mouros na costa, mas para erguer muito alto o coração, retalhado nas pedras do caminho, como um livro de experiências para os que vinham depois dos meus passos, ou como a réstia luminosa que os faroleiros desabotoam na superfície das águas, prevenindo os incautos do perigo das sirtes traiçoeiras do oceano.

Muitos me supuseram corroído de lepra¹² e de vermina, como se eu fosse Bento Labre, raspando-se com a escudela de Jó. Eu, porém, estava apenas refletindo a claridade das estrelas do meu imenso crepúsculo. Quando me encontrava nessa faina de semear a resignação, a primeira e última flor dos que atravessam o deserto das incertezas da vida, a morte abeirou-se do meu leito, devagarinho, como alguém que temesse acordar um menino doente. Esperou que tapassem com a anestesia todas as janelas e fendas dos meus sentimentos. E quando o caos mais absoluto se fez sentir no meu cérebro, zás! cortou as algemas a que me conservava retido por amor aos outros condenados, irmãos meus, reclusos no calabouço da vida. Adormeci nos seus braços, como um ébrio nas mãos de uma deusa. Despertando dessa letargia momentânea, compreendi a realidade da vida, que eu negara, além dos ossos que se enfeitam com os cravos rubros da carne.

¹² Na época em que esta obra foi escrita, esse termo era comum, mas atualmente é considerado pejorativo e/ou preconceituoso. Hanseníase, morfeia, mal de Hansen ou mal de Lázaro é uma doença infecciosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae* (também conhecida como bacilo de Hansen) que afeta os nervos e a pele, podendo provocar danos severos.

— Humberto!... Humberto! — exclamou uma voz longínqua — recebe o que te enviam da Terra!

Arregalei os olhos com horror e com enfado:

— Não! Não quero saber de panegíricos e agora não me interessam as seções necrológicas dos jornais.

— Enganas-te — repetiu —, as homenagens da convenção não se equilibram até aqui. A hipocrisia é como certos micróbios de vida muito efêmera. Toma as preces que se elevaram por ti a Deus, dos peitos sufocados no qual penetraste com as tuas exortações e conselhos. O sofrimento entornou no teu coração um cântaro de mel.

Vi descer, de um ponto indeterminado do espaço, braçadas de flores inebriantes, como se fossem feitas de neblina resplandecente, e escutei, envolvendo o meu nome pobre, orações tecidas com suavidade e doçura. Ah! eu não vira o Céu e a sua corte de bem-aventurados; mas, Deus receberia aquelas deprecações no seu sólio de estrelas encantadas, como a hóstia simbólica do Catolicismo se perfuma na onda envolvente dos aromas de um turíbulo. Nossa Senhora deveria ouvi-las no seu trono de jasmims bordados de ouro, contornado dos anjos que eternizam a sua glória.

Aspirei com força aqueles perfumes. Pude locomover-me para investigar o reino das sombras, no qual penso sem miolos na cabeça. Amava ainda e ainda sofria, reconhecendo-me no pórtico de uma nova luta.

Encontrei alguns amigos a quem apertei fraternalmente as mãos. E voltei cá. Voltei para falar com os humildes e com os infortunados, confundidos na poeira da estrada de suas existências, como frangalhos de papel rodopiando ao vento. Voltei, para dizer aos que não pude interpretar no meu ceticismo de sofredor:

— Não sois os candidatos ao casarão da Praia Vermelha. Plantai, pois, nas almas, a palmeira da esperança. Mais

tarde, ela desdobrará sobre as vossas cabeças encanecidas os seus leques enseivados e verdes...

E posso acrescentar, como o neto de Marco Aurélio, no tocante à morte que me arrebatou da prisão nevoenta da Terra:

— É a minha carta de alforria... Agora posso ir aonde quero.

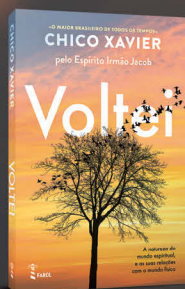
Os amargores do mundo eram pesados demais para o meu coração.

Uma leitura essencial para todos aqueles que queiram refletir sobre as necessidades individuais do ser humano perante a eternidade da vida.

A primeira obra do Espírito Humberto de Campos psicografada por Chico Xavier reúne uma série de crônicas, em que o autor apresenta temas diversos, tais como a longevidade, a paz, a verdade e a justiça, além de retratar personalidades históricas como Sócrates, Charles Richet, os apóstolos e Judas Iscariotes, entre outros.



Através da ótica do mundo espiritual, Chico Xavier traça um retrato da importância da Casa de Ismael (Federação Espírita Brasileira) no cenário espírita brasileiro e da Doutrina Espírita como fonte de consolo e respostas para as aflições da Humanidade. Com apontamentos de um humor leve e agradável, estas crônicas reais de experiências da vida quotidiana procuram demonstrar que a Terra é uma escola onde o Espírito evolui graças ao seu esforço pessoal e sob a proteção divina.

Leia também,
do mesmo
autor:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [penguinlifestylept](https://www.instagram.com/penguinlifestylept)
  [penguinlivros](https://www.linkedin.com/company/penguinlivros)

ISBN 9789897876653



9 789897 876653 >